Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

RACIONAIS MC's E MILTON SANTOS: Vida Loka Parte 2 e a Didática geográfica nos diferentes ambientes de ensino

Mauricio Moysés
mmoyses@unicamp.br

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3093-7876

RESUMO

O saber local e o saber acadêmico se encontraram e se complementam para desvendar as minúcias sensíveis do mundo nos e dos lugares, especialmente quando se concretiza em forma de arte. O RAP (*Rhythm and Poetry*) possui essa força pedagógica de traduzir em seus testemunhos as dinâmicas da organização espacial. A presente prática educativa tem por objetivo confluir os saberes das ruas na perspectiva dos Racionais MCs e as categorias geográficas propostas por Milton Santos como fundamentos didáticos nos ambientes de ensino (educação não-formal e educação formal). Adotei uma abordagem qualitativa, com inspiração em narrativas coletivas construídas em rodas de conversa, tendo como foco a análise do videoclipe da música Vida Loka Parte 2, dos Racionais MCs, e as categorias geográficas forma, função, estrutura e processo durante um diálogo com estudantes de um cursinho popular pré-vestibular e uma aula com estudantes universitários do curso de licenciatura em Geografia. A prática revelou que ambos estudantes se sentiram familiarizados com o clipe musical, os estudantes do cursinho popular foram mais detalhistas em suas observações e interpretações direcionadas aos elementos cotidianos. Por sua vez, os estudantes universitários atentaram-se mais para as estruturas espaço-temporais. Ambos relacionando com as categorias mobilizadas para os respectivos diálogos/aulas. Conclui-se que a articulação entre o saber local e o saber acadêmico, mediada pela arte do RAP como instrumento didático, potencializa a compreensão das categorias geográficas e amplia os sentidos de uma interpretação crítica do espaço geográfico. A prática educativa realça a importância de propostas didáticas e metodologias dialógicas integradas às realidades dos sujeitos e sujeitas em diferentes espaços educacionais.

PALAVRAS-CHAVE

Didática; RAP; Categorias geográficas; Saberes locais.

RACIONAIS MC's AND MILTON SANTOS: Vida Loka Part 2 and geographical Didatics in different educational

ABSTRACT

Local knowledge and academic knowledge intersect and complement each other to unveil the sensitive intricacies of the world in and of places, especially when manifested through art. RAP (Rhythm and Poetry) holds pedagogical power in translating spatial organization dynamics into testimony. This educational practice aims to merge street knowledge from the perspective of Racionais MC's with the geographical categories proposed by Milton Santos as didactic foundations in both formal and non-formal educational environments. A qualitative approach was adopted, inspired by collective narratives built in conversation circles, focusing on the analysis of the music video Vida Loka Parte 2 by Racionais MC's and the geographical categories of form, function, structure, and process during dialogues with students from a community-based college prep course and a class of undergraduate Geography teacher education students. The practice revealed that both groups were familiar with the music video; prep course students were more detailed in their observations and interpretations of everyday elements, while university students focused more on spatio-temporal structures. Both groups engaged with the categories mobilized in the respective sessions. The study concludes that the articulation between local and academic knowledge, mediated by RAP as a didactic tool, enhances the understanding of geographical categories and broadens critical interpretations of geographic space. The educational practice underscores the importance of didactic proposals and dialogical methodologies that are integrated with the realities of the subjects in different educational contexts.

KEYWORDS

Didactics; RAP; Geographical categories; Local knowledge.

RACIONAIS MC's Y MILTON SANTOS: Vida Loka Parte 2 y la Didática geográfica en diferentes entornos

RESUMEN

El saber local y el saber académico se encuentran y se complementan para revelar las sutilezas sensibles del mundo en y de los lugares, especialmente cuando se concretan en forma de arte. El RAP (*Rhythm and Poetry*) posee esa fuerza pedagógica de traducir, a través de sus testimonios, las dinámicas de la organización espacial. Esta práctica educativa tiene como objetivo confluenciar los saberes de las calles desde la perspectiva de Racionais MC's y las categorías geográficas propuestas por Milton Santos como fundamentos didácticos en contextos de educación formal y no formal. Se adoptó un enfoque cualitativo, inspirado en narrativas colectivas construidas en círculos de conversación, con foco en el análisis del videoclip de la canción Vida Loka Parte 2, de Racionais MC's, y las categorías geográficas de forma, función, estructura y proceso, durante diálogos con estudiantes de un cursillo popular preuniversitario y una clase con estudiantes universitarios del curso de licenciatura en Geografía. La práctica reveló que ambos grupos se sentían familiarizados con el videoclip;

los estudiantes del cursillo popular fueron más detallistas en sus observaciones e interpretaciones de elementos cotidianos, mientras que los estudiantes universitarios prestaron mayor atención a las estructuras espacio-temporales. Ambos grupos relacionaron sus análisis con las categorías movilizadas en las respectivas sesiones. Se concluye que la articulación entre el saber local y el saber académico, mediada por el arte del RAP como instrumento didáctico, potencia la comprensión de las categorías geográficas y amplía los sentidos de una interpretación crítica del espacio geográfico. La práctica educativa resalta la importancia de propuestas didácticas y metodologías dialógicas integradas a las realidades de los sujetos en los diferentes espacios educativos.

PALABRAS CLAVE

Bachelor, Geography, State, Neoliberalism, Education.

Introdução

O saber local e o saber acadêmico se complementam para desvendar as minúcias sensíveis do mundo nos e dos lugares, especialmente quando se concretiza em forma de arte. A arte é reveladora das ações humanas, da nossa razão e emoção que nutrem os sentidos da vida. Nosso processo de entendimento e consciência é atravessado pela maneira como nos expressamos por meio de múltiplas linguagens, principalmente nos espaços educacionais.

O RAP (*Rhythm and Poetry*) possui uma força pedagógica singular ao traduzir, por meio de seus testemunhos, as dinâmicas da organização espacial, elaboradas por seus produtores-consumidores (em sua maioria, jovens periféricos). Enraizado nos cotidianos dos lugares, enquanto fenômeno urbano das grandes cidades, revela de forma legítima a concretude das contradições da produção globalizada. Nesse contexto, temas como a fragmentação e as desigualdades espaciais, a superação da discriminação, o fortalecimento do orgulho e da autoestima, a crítica à realidade, as formas de autoafirmação e as potencialidades da juventude revelam o RAP como uma ferramenta que comunica, informa e transforma a sociedade.

A presente prática educativa tem por objetivo confluir os saberes das ruas, na perspectiva dos Racionais MCs, com as categorias geográficas propostas por Milton Santos, adotando-os como fundamentos didáticos nos ambientes de ensino, tanto na educação formal, quanto na não-formal. Além disso, busca-se analisar como os diferentes espaços educacionais interferem na forma como os educandos percebem e

interpretam a organização espacial, bem como identificar, na arte do RAP, um instrumental didático para o aprofundamento de práticas educativas.

A relevância da didática (De Souza, 2011) no ensino de Geografia corrobora para a maior compreensão e contextualização dos temas e problemáticas no ambiente educacional. Ao propor elementos artísticos, tem-se a possibilidade de estabelecer maiores correlações e interpretações da realidade vivida pelos educandos a partir de suas próprias vivências. Essa abordagem favorece a construção de uma consciência crítica sobre o espaço geográfico e suas múltiplas dimensões sociais.

É importante destacar que o autor deste artigo, além de professor, atua como hip-hopeiro, MC (*Master of Ceremonies/emcee*), *rapper*, poeta e arte-educador. Com mais de duas décadas de trajetória na Cultura Hip-Hop, adotando seus elementos (*deejay*, *emcee*, *breaking* e *graffiti*) como um estilo e uma filosofia de vida. Desde 2010, vem desenvolvendo oficinas de produção de poesia, composição de rimas e rodas de diálogo sobre questões raciais, cidadania e direitos humanos, tanto em espaços formais quanto não formais de ensino. A problemática discutida neste trabalho não apenas compõe seu campo de pesquisa, mas também representa um eixo central reflexivo, bem como de sua trajetória de vida.

A apresentação da proposta didática está organizada da seguinte forma: inicia-se com a discussão teórica sobre a produção de saberes relacionados com a música RAP com seu potencial pedagógico-geográfico e a mobilização das categorias apresentadas pelo professor Milton Santos. Em seguida, descreve-se a proposta metodológica utilizada nesta prática educativa com o detalhamento dos processos. Na sequência, são apresentadas as análises e discussões a partir das observações e considerações dos educandos nos momentos de execução da atividade proposta. Por fim, apresentam-se reflexões que indicam possibilidades para uma agenda aberta de pesquisas.

Saberes que se ensinam: a pedagogia do RAP e a Geografia de Milton Santos num diálogo didático

A epistemologia, enquanto ramo da filosofia que se ocupa do estudo do conhecimento, das suas origens, da sua natureza e dos seus limites, tem desempenhado um papel central na formação e na reflexão sobre as práticas pedagógicas em diversas disciplinas, incluindo a Geografia. O ensino de Geografia, com suas múltiplas abordagens, reflexões e métodos, é profundamente influenciado por questões epistemológicas, pois estas estabelecem os parâmetros do que é considerado

"conhecimento válido", da forma como esse conhecimento deve ser adquirido, ensinado e disseminado no contexto educacional formal, tal como, as universidades.

As práticas de ensino nas universidades não apenas estabelecem os parâmetros do “conhecimento válido”, mas também refletem disputas sobre legitimidade, poder e representatividade do saber nas universidades. Em sua maioria, essas práticas orientam os estudantes a refletir criticamente, a partir do rigor analítico proporcionado por conceitos e categorias que dialogam com o tempo presente. Por outro lado, as práticas de ensino nos cursinhos pré-vestibulares (especialmente nos cursinhos populares) apresentam maior flexibilidade em suas diretrizes no que concerne à produção e à difusão do conhecimento. Nesses espaços, há uma contextualização própria, marcada por uma organização social de caráter emancipatório, com elementos que convergem com as experiências de vida da comunidade e sobretudo das ruas. Ou seja, o saber é promovido por sujeitos coletivos (coordenadores, professores, estudantes, lideranças locais, artistas, entre outros) que compartilham práticas e sentidos ligados à vivência concreta nos territórios.

Por sua vez, conforme Daniel Rodrigues Silva Luz Neto (2022), o ensino de Geografia tem a importante função social de desenvolver o pensamento geográfico junto aos educandos. Essa forma de pensar, estruturada por meio de seus elementos constitutivos (conceitos e princípios), constitui um instrumental potente para analisar, interpretar e intervir diante das contradições da vida em sociedade. Nesse sentido, Santos (2000) já nos elucida sobre a força dos *de baixo*, dos pobres, periféricos, negros, mulheres, transexuais, indígenas, entre outros, que vivenciam tais contradições em suas práticas espaciais cotidianas e, a partir disso, desenvolvem ações contra-hegemônicas. Muitas vezes, essas ações engendram saberes locais produzidos em espaços não-formais de ensino, como os cursinhos populares pré-vestibular.

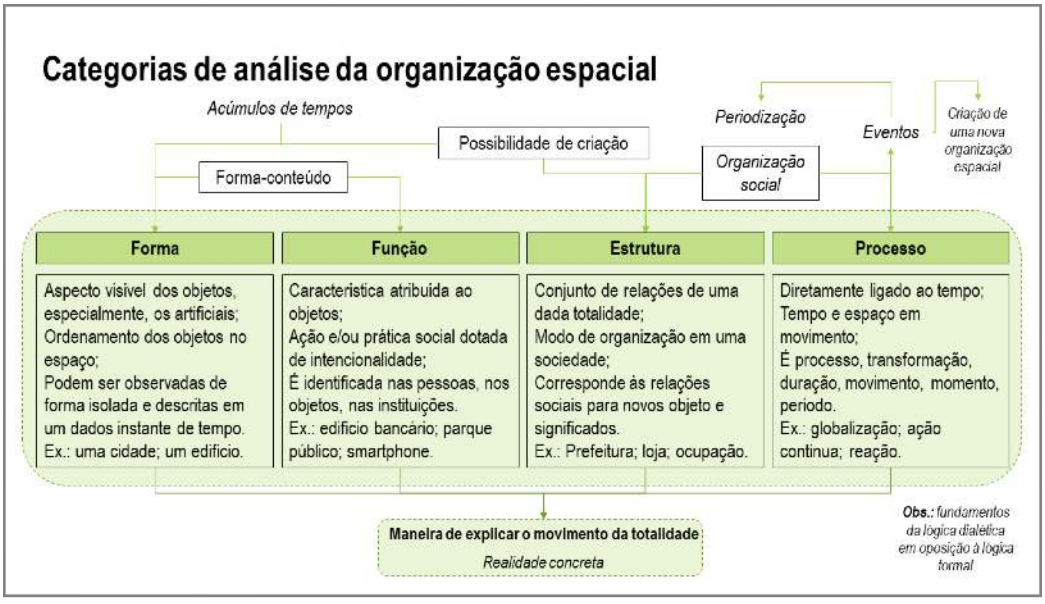
A complementariedade entre saberes acadêmicos e saberes populares não deve ser tratada de forma ambígua ou hierárquica, pois ambos contribuem significativamente para uma interpretação crítica das realidades sociais e espaciais. Milton Santos (1978) ressalta que o espaço geográfico é uma construção social que não pode ser compreendida apenas por descrições objetivas; é necessário considerar as interações entre os processos históricos, sociais e espaciais. A integração de abordagens subjetivas no ensino de Geografia permite que o aluno desenvolva um pensamento crítico e uma compreensão mais profunda das dinâmicas espaciais. Nesse mesmo sentido, Lana Cavalcanti (2002) argumenta que, ao considerar diferentes perspectivas epistemológicas,

o ensino de Geografia torna-se mais reflexivo e contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes e socialmente engajados.

É nesse contexto que o RAP se torna um elemento didático integrador, dada a potencialidade de seus agentes em expor realidades por meio de conteúdos expressos em ritmo e poesia (que ao mesmo informa e comunica). Alguns aspectos são fundamentais para que essa linguagem artística se articule com a confluência entre saberes acadêmicos e saberes locais: a linguagem direta do dialeto periférico, que mescla expressões cotidianas, gírias e traços da norma culta; as narrativas que se desenham na paisagem urbana, perceptíveis tanto visual quanto sonoramente; a atemporalidade espacial, entendida como um acúmulo de ações concretas e projeções ideais; e, por fim, a centralidade dos sujeitos em relação aos lugares onde vivem e seus entornos, o que fortalece o sentido de coexistência com as representações trazidas nas letras das músicas e/ou nos videoclipes.

Conforme Cristiane Dias no livro *Pedagogias Hip-hop e as culturas juvenis nas escolas* (2024, p. 47), "a convergência entre os saberes da educação formal e os saberes das ruas enriquece a capacidade de ler o mundo, promovendo uma crítica social profunda". A capacidade de ler o mundo torna-se factível quando buscamos associá-la a compreensão da realidade concreta por meio das categorias geográficas. Na obra *Espaço e Método*, Milton Santos procura analisar a organização espacial a partir da forma, função, estrutura e processo como exposto no diagrama abaixo (Figura 1).

Figura 1: Diagrama interpretativo a partir das categorias Forma, Função, Estrutura e Processo propostos por Milton Santos



Fonte: Santos, 1985. Organizado pelo autor, 2024.

A forma corresponde ao aspecto visível dos objetos, especialmente, os artificiais no ordenamento dos objetos no espaço. Podem ser observadas isoladamente e descritas em dados instantes de tempo. A função é indissociável da forma, e representa as características atribuídas aos objetos, sendo uma ação e/ou prática social dotada de intencionalidade, podendo ser identificada nas pessoas, nos objetos, nas instituições. A estrutura refere-se ao conjunto de relações de uma dada totalidade e modo de organização em uma sociedade. Dessa maneira, corresponde às relações sociais para a realização de novos objetos e significados. E o processo, está diretamente ligado ao tempo-espaço em movimento, ou seja, é processo como sinônimo de transformação, duração, mudança, momento, instante, período a depender dos contextos e situações geográficas (Santos, 1985).

O conjunto dessas categorias/fatores devem ser analisadas de forma indissociáveis a fim de explicar a totalidade. Salvo exceções analíticas, a depender dos interesses de quem observa é imprescindível manter a ideia de conjunto para evitar generalizações na abordagem. E devem ser "vistos na maneira como interagem para criar e moldar o espaço através do tempo" (Santos, 1985, p. 71), para se compreender os fenômenos socioespaciais.

Os fundamentos da lógica dialética, em oposição à lógica formal, permitem compreender a realidade não como algo fixo e imutável, mas como um processo em constante transformação, onde forma e conteúdo se inter-relacionam de maneira dinâmica (Lefebvre, 1969). Essa abordagem possibilita apreender os acúmulos de tempos inscritos nas paisagens e nas práticas sociais, revelando que os espaços são resultantes de múltiplas camadas históricas e relações de poder. A partir dessa perspectiva, a possibilidade de criação não se limita à inovação abstrata, mas emerge da própria organização social dos sujeitos e suas contradições, abrindo caminhos para o surgimento de novos eventos, rupturas temporais e, sobretudo, para a criação de uma nova organização espacial que rompa com padrões dominantes e reafirme práticas emancipadoras enraizadas no cotidiano.

Dessa forma, o ensino de Geografia promove uma leitura crítica do espaço, incentivando a reflexão sobre como diferentes momentos históricos e ações coletivas podem romper com estruturas estabelecidas e abrir caminhos para novos sentidos e formas de vida nos territórios. Nesse contexto, este trabalho busca mostrar como a articulação entre saberes locais e saberes acadêmicos se manifesta nas experiências

cotidianas, especialmente por meio de expressões culturais como o RAP. A música Vida Loka Parte 2, dos Racionais MCs, será aplicada como exemplo dessas narrativas que evidenciam as transformações da organização espacial vividas pelos sujeitos nas periferias urbanas.

Percurso metodológico: pesquisa qualitativa com foco na escuta e interpretação dos sujeitos

Como proposta metodológica da prática educativa, foi adotada uma abordagem qualitativa, baseada na revisão bibliográfica, na aula expositiva, no uso de material audiovisual e no levantamento de argumentos e comentários organizados no quadro ou na lousa durante rodas de conversa. As rodas de conversa foram fundamentais para a produção dos dados, por possibilitarem a escuta ativa, a troca de experiências e a construção coletiva de sentidos sobre o tema. O material audiovisual selecionado foi o videoclipe da música Vida Loka Parte 2, do grupo de RAP Racionais MCs. O videoclipe foi lançado em 2006 com o intuito de ser um curta-metragem com 8 min. e 30 s. de duração, sob direção de Mano Brown e Katia Lund.

O videoclipe apresenta três dimensões temporais (passado, presente e futuro), ambas ambientadas no bairro do Capão Redondo, na periferia da cidade de São Paulo, e traz inúmeras camadas simbólicas, como sons, cores, movimentos, estéticas, personagens, signos e cotidianos; que se articulam entre a letra da música e as imagens. Esses elementos mobilizam o imaginário dos participantes, provocando o resgate de memórias (relacionadas ao passado) e a reflexão crítica (sobre o presente), tomando o cotidiano periférico como objeto cultural e artístico de interpretação.

A execução da prática educativa ocorreu em dois momentos/encontros. O primeiro foi realizado com turmas de graduação (4º semestre) do curso de Geografia (bacharelado e licenciatura), na disciplina Metodologia da Geografia, da qual fui o docente responsável, no Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). As atividades aconteceram com as turmas dos períodos diurno e noturno, sendo que as discussões apresentaram poucas diferenças em relação aos argumentos levantados pelos estudantes. Por essa razão, considerarei ambos os grupos como uma única experiência de aula para fins de análise.

O segundo encontro ocorreu com estudantes, em sua maioria recém-formados no ensino médio, participantes do curso preparatório pré-vestibular de caráter popular Herbert de Souza, localizado na Vila União, periferia de Campinas-SP. A atividade foi

inicialmente anunciada como uma palestra, mas, desde o início, deixei claro que teria o mesmo formato de aula utilizada na graduação. As aulas expositivas foram exatamente as mesmas, com a única diferença de que os alunos do cursinho não realizaram a leitura prévia do texto base *Estrutura, Processo, Função e Forma como Categorias de Método em Geografia*, de Milton Santos. Em diálogo prévio com o coordenador do cursinho, optamos por não exigir a leitura do texto por duas razões principais: (1) a limitação de tempo disponível, considerando que muitos estudantes trabalham no contraturno[1]; e (2) o foco na construção da experiência didática por meio da palestra/aula. Essa escolha metodológica não gerou resistência por parte dos estudantes, que participaram de forma engajada, tal como os estudantes da graduação em Geografia.

Em ambos os espaços educacionais, segui o mesmo procedimento metodológico, que envolveu as seguintes etapas: apresentação da proposta, aula expositiva sobre as categorias destacadas no texto, com exemplos diversos baseados nas experiências prévias dos alunos e alunas; anúncio e exibição do videoclipe; e, ao término do videoclipe, a organização de quatro colunas na lousa/quadro com os fatores: Forma, Função, Estrutura e Processo. A partir daí, iniciei a roda de conversa, incentivando o preenchimento coletivo das colunas com base nas vivências, experiências e interpretações dos estudantes participantes. Essa escolha metodológica possibilitou comparar as respostas e interações dos dois públicos, ampliando a análise sobre os efeitos pedagógicos da proposta em diferentes contextos educacionais.

Geografia em ritmo e poesia: categorias de análise e as narrativas visuais do cotidiano

A prática educativa revelou a busca pela valorização da relação entre o método geográfico e as narrativas construídas a partir do RAP e da experiência dos alunos que reagiram e interpretaram à sua maneira o videoclipe Vida Loka Parte 2, mas diferenciando nas abordagens, detalhes e elementos enfatizados. A seguir serão destacados como isso ocorreu com os estudantes universitários e os estudantes do cursinho popular. E na sequência, será apresentado um quadro-síntese (Quadro 1) integrando as categorias propostas por Milton Santos e as respectivas cenas e observações correspondestes.

[1] A aula no cursinho popular ocorreu no período noturno em 1 de outubro de 2024.

As reações e interpretações dos estudantes universitários evidenciaram um olhar mais estruturado e analítico, orientado pelas categorias teóricas previamente estudadas em sala. Durante a roda de conversa, os graduandos em Geografia demonstraram maior facilidade em identificar, na narrativa do videoclipe, os elementos relacionados à estrutura espacial, aos processos socioeconômicos e às dinâmicas espaço-temporais presentes na produção da cidade. Suas análises privilegiaram a relação entre forma, função, processo e estrutura, destacando como o videoclipe evidencia a produção desigual do espaço urbano e as consequências históricas da segregação socioespacial. A interpretação dos universitários trouxe uma leitura mais sistematizada e conceitual, ancorada na formação acadêmica, mas também marcada por reconhecimentos subjetivos, especialmente entre os alunos com vivências próximas às realidades periféricas abordadas no vídeo.

Quadro 1: Relação entre categorias geográficas, elementos destacados pelos estudantes e cenas do videoclipe Vida Loka Parte 2

Categoria Geográfica	Elementos Destacados pelos Estudantes	Cenas do Videoclipe
Forma	Favela, metrô, autoconstrução, vielas, motocicletas, casa de detenção, vestimentas, bens materiais, paisagem visual e sonora.	
Função	Espaços comerciais, casa de detenção, família, locais de socialização, territórios de resistência, instituições, espaços de circulação e encontro.	

Estrutura	Ausência de equipamentos públicos adequados, infraestrutura precária, desigualdades, violência estrutural do racismo, globalização, neoliberalismo, organização social.	
Processo	As transformações da favela/ periferia, dinâmicas de exclusão social, resistência cultural, ambição, construção de redes de solidariedade.	

Org.: Elaboração própria, 2025.

Por sua vez, os estudantes do cursinho popular revelaram uma profunda conexão entre o conteúdo apresentado e as vivências cotidianas de cada participante. Durante a roda de conversa, emergiram percepções sensíveis sobre a realidade periférica, marcadas por afetos, memórias e denúncias que demonstraram o quanto o videoclipe ressoava com suas experiências concretas. A leitura sensível realizada pelos estudantes não se limitou à análise estética ou lírica da obra, mas desdobrou-se em reflexões críticas sobre desigualdades espaciais, violência estrutural, afetos familiares e sonhos interrompidos. Nesse processo, o cotidiano foi ressignificado como campo legítimo de produção de conhecimento, permitindo que os próprios estudantes se reconhecessem como sujeitos geográficos e produtores de leitura do mundo, articulando saberes locais às categorias discutidas em aula.

A integração das categorias geográficas ao diálogo pedagógico, propiciou conexões diretas entre os conceitos teóricos e as experiências de vida dos estudantes. Por meio da análise do videoclipe Vida Loka Parte 2 e da metodologia participativa das rodas de conversa, foi possível promover intersecções significativas entre a linguagem artística do RAP, as vivências cotidianas dos alunos e a leitura crítica do espaço geográfico. Essa integração permitiu que os educandos relacionassem a produção do espaço urbano com suas próprias realidades, ampliando a compreensão sobre processos sociais, históricos e

espaciais que estruturam as desigualdades e as dinâmicas de transformação nos territórios onde vivem.

Há bastante tempo eu me cobrava para realizar essa ousada relação (mesmo sabendo que ela carece de maior detalhamento perante as camadas minuciosas em seu conteúdo), desde o período em que ainda era estudante de graduação no mesmo curso de Geografia na Unicamp. Não acredito que fosse por falta de maturidade, mas sim porque entendo que uma análise coletiva seria mais enriquecedora, não se limitando a um desejo pessoal, mas resultando na construção compartilhada de saberes, sejam eles locais ou acadêmicos. Além disso, essa experiência serve para demonstrar que o RAP, enquanto expressão da Cultura Hip-Hop, possui um potencial didático transformador nos espaços de ensino, ampliando os horizontes de leitura e interpretação da realidade social (Dias, 2019).

Considerações finais

Para concluir, a presente prática educativa evidenciou a confluência entre os saberes das ruas, representados na perspectiva dos Racionais MCs, e as categorias geográficas (forma, função, estrutura e processo) propostas por Milton Santos, configurando-se como fundamentos didáticos aplicáveis tanto em ambientes de ensino formal quanto não-formal. A análise demonstrou como os diferentes contextos educacionais influenciam a maneira pela qual os educandos percebem e interpretam a organização espacial, tendo o RAP como um instrumental didático potente para o aprofundamento de práticas educativas críticas e reflexivas.

Mais do que uma atividade pontual, essa prática aponta para a urgência de metodologias que operem pela escuta e pela sensibilidade. Nesse horizonte, a Geografia ensina e aprende com a rua, com a rima, com a luta, e, sobretudo, com a vida que pulsa nos espaços invisibilizados. Eis a provocação: se o mundo está em constante movimento, o ensino também deve se mover com a música das ruas e o pensamento crítico na cultura do "é nóiz por nóiz", ouse seja, conjunto.

A música RAP carrega uma forma de comunicação direta, ancorada na realidade concreta dos territórios periféricos, o que permite operacionalizar uma didática comprometida com a leitura geográfica dos fenômenos do nosso tempo (De Souza, 2011). Por essa razão, observou-se uma maior assimilação dos conteúdos das letras com os conceitos geográficos, especialmente aqueles voltados para os estudos urbanos. No

caso da música Vida Loka Parte 2, são apresentados diferentes momentos no espaço-tempo da metrópole de São Paulo que, devido às semelhanças na organização socioespacial das cidades brasileiras, foram facilmente compreendidos e relacionados pelos estudantes a outros contextos urbanos.

Ao longo dos anos, venho articulando a pedagogia Hip-Hop (hip-hoppologia) com a pedagogia acadêmica. Essa combinação de saberes tem potencializado o reconhecimento das diferenças e da diversidade de formas de interpretar o espaço geográfico e o cotidiano periférico. Assim, destaca-se a relevância desse diálogo entre o saber local, expresso por meio da arte, e o saber acadêmico, enquanto elementos transformadores da sociedade. Essa experiência nos provoca a pensar em novas possibilidades para ampliar a articulação entre esses saberes em outros contextos educativos, com diferentes territorialidades, onde os sentidos da vida e da educação se constroem de maneira coletiva e emancipatória.

Aproveito para expressar os meus agradecimentos aos alunos e alunas do cursinho popular Herbert de Souza, ao coordenador Paulista pela oportunidade de diálogo. As turmas dos cursos de licenciatura e bacharelado em Geografia da Unicamp que cursaram a disciplina Metodologia da Geografia em 2024.

Referências

AMARAL, Nelson Cardoso; ASSIS, Lúcia Maria de. Avaliação da educação: por um. *In*: CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino.** Campinas: Papirus, 2002.

SOUZA, Vanilton Camilo de. Fundamentos teóricos, epistemológicos e didáticos no ensino da Geografia: bases para formação do pensamento espacial crítico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia,** 1(1), 47–67, 2011.

DIAS, Cristiane Correia. **A pedagogia Hip-Hop: consciência, resistência e saberes em luta.** Curitiba: Editora Appris, 2019.

DIAS, Cristiane; LIMA, Gabriela Costa; SANTOS, Jaqueline Lima. **Pedagogias Hip-Hop e as culturas juvenis nas escolas**. Coordenação: Suelaine Carneiro. São Paulo: Geledés, 2024.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal/lógica dialética.** Rio de Janeiro: Civilzação Brasileira, 1975 [1969].

LUZ NETO, Daniel Rodrigues Silva. Afinal, para onde caminha o Ensino de Geografia no contexto de reforma do Ensino Médio e implantação da BNCC? **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 56, p. 370–397, 2022. DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2021.2205. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2205. Acesso em: 16 jun. 2025.

RACIONAIS MC's. **Vida Loka Parte 2.** Direção: Katia Lund. São Paulo: Cosa Nostra, 2004. (Videoclipe).

SANTOS, Milton. Estrutura, processo, função e forma como categorias do método geográfico. *In*: SANTOS, Milton. **Espaço e método.** São Paulo: Edusp, 2008. p. 67-79.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova:** da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

Recebido em 24 de julho de 2025.

Aceito para publicação em 10 de abril de 2026.